

Arte ou Antiarte?

"Manifestação Ambiental n.º 1", de Hélio Oiticica

Quem entra numa exposição como a de Hélio Oiticica, na Galeria G-4, sente, logo de entrada, que penetrou num mundo totalmente diverso, cujas idéias, sensações e conceitos já nada têm a ver com aquêles que dominam a arte contemporânea.

As reações que se sucedem a esta primeira conclusão vão da incredulidade à dúvida — da incerteza à perplexidade — diante dos "relêvos espaciais", estruturas de madeira que pendem do teto, dos bólidos, caixas de madeira, ou de vidro, contendo carvão, pedras, pigmentos e espuma de borracha colorida, e até um carrinho de mão com sua carga de cascalho, cuja presença insólita parece mais devida ao descuido de um operário distraído.

Refiro-me, é claro, ao espectador ainda não iniciado neste tipo de experiência, que vem sendo realizada em várias galerias e museus. Ainda há pouco o Museu de Arte Moderna de Nova York apresentou a mostra o *Objeto Transformado*, que uma das diretoras do Departamento de Arquitetura do referido museu, Mildred Constantine, assim definiu: "Quando um objeto é apresentado fora do seu contexto familiar, ou mesmo ao ser alterado ou removido um simples detalhe, outras associações podem entrar em jôgo. Se a conseqüente metáfora visual fôr bastante expressiva, o mais estranho artefato pode ser transformado numa experiência única". Na mostra "Manifestação Ambiental n.º 1", de Hélio Oiticica, o que se torna, desde logo, evidente é a determinação do artista de renunciar a tudo o que não seja impessoal e, por assim dizer, anônimo. O que ele procura, antes de mais nada, é conseguir que suas concepções sejam encarnadas pelas estruturas ou pelos objetos, de maneira a que êstes funcionem visualmente e, por assim dizer, desligados de qualquer elemento subjetivo. Tendo isso em vista, recorre a superfícies lisas, de madeira pintada, em cores vibrantes como o amarelo, o laranja ou o rosa vivo. Ele confia aos próprios objetos a mensagem que êles transmitem, ou procura fazer com que transmitam; a capacidade que possuem, intrinsecamente, segundo julga, de se afirmarem pela forma, pela estrutura, pela sua simples presença, quando apresentados na sua total singeleza, sem que nada lhes seja acrescentado. A "apropriação ambiental", segundo o próprio artista, é obtida "através do uso total dos valores plásticos, táteis, visuais, auditivos etc. É a antiarte por excelência".

Há um desejo de permitir que as coisas se apoderem de nós, assim como nós nos apoderamos delas. E, em meio a todo êste despojamento, surge a romântica "Homenagem a Mondrian": uma jarra verde de qual desponta, imprecisa e quase impressionística, a sugestão de um apanhado de flôres, através de uma tela amarfanhada e suavemente colorida em tons pastéis.

Há coisas que exigem ser tocadas — levemente empurradas ou puxadas —, pois que todos de tudo participam, e há, em tudo, uma troca permanente como a caixa sem tampa, coberta por uma tela, e forrada com reproduções de uma foto em que "Cara de Cavalo" aparece, estirado no chão, varado de balas, com os braços abertos em cruz.

E há a total sinceridade do artista. Sua fé vibrante e viva naquela linguagem nova — naquela necessidade de despir-se de si mesmo — de permitir que outros sintam o que êle sente — que outros possam ver o que êle vê: a vida que pulsa nas veias de cada coisa inanimada, quando esta vida lhe é restituída pela renúncia do artista à sua egoística necessidade de afirmação; quando êle se recusa a fazer delas o instrumento através do qual pretende transmitir sua própria mensagem. "A criação é, então, completada pela participação do espectador, atendendo à necessidade coletiva de uma atividade criadora latente".

Para o olhar afeito a estruturas mais complexas e, sobretudo, a formas cuja aparente simplicidade só foi obtida através de longa e cuidadosa elaboração, o total despojamento de realizações, como as de Hélio Oiticica, não convence facilmente. A impressão geral que se tem é de que os princípios ou fundamentos que inspiram esta "Manifestação Ambiental n.º 1" são bem mais fascinantes que os resultados a que o artista chega.

Se a tentativa é autêntica, por ser inspirada em conceitos que representam uma tomada de posição, uma busca consciente, uma rebelião fundamentada no desejo de abrir novos caminhos à percepção estética, êstes caminhos estão sendo abertos tão bruscamente que, indecisos, paramos, por assim dizer, na encruzilhada. As atitudes e tendências propostas por artistas como êste môço — Hélio Oiticica — foram inspiradas por emoções e idéias que ainda não foram assimiladas, impondo uma transformação tão drástica que ela não tem, realmente, precedentes em toda a história da arte. Por revolucionárias que tivessem sido as transformações exercidas sobre a imagem e sobre a forma pelo futurismo, pelo dadaísmo, pelo surrealismo, e por outros movimentos semelhantes, êstes conservavam ainda, na pintura ou na escultura, a técnica e muitos dos princípios contra os quais se insurgiram. Mas o que está sendo elaborado agora, é um nôvo credo estético. Onde nos levará esta exigência repentina de rebelião total? Para os artistas que se recusam a enveredar por tais caminhos e, se o fizessem, não o fariam com a sinceridade imprescindível a realizações autênticas é, de algum modo, desalentador ver a maneira por que os mais audaciosos dêstes inovadores estão já recebendo os louros de vitórias tão velozmente conquistadas. Sendo, em geral, mais jovens, êstes aprendem, facilmente, uma linguagem nova. Nunca o exemplo dos grandes mestres exerceu sobre êles influência menor. Nunca os métodos consagrados foram tão esquecidos. "Só derrubando furiosamente", diz o próprio Oiticica, "poderemos erguer algo de válido e palpável: — a nossa realidade". Muitos estarão talvez inclinados, a segui-los, mas valerá a pena? Não estariam por acaso, se obedecessem à pressão do imediatismo histórico, abrindo mão de experiências muito mais positivas — de percepções muito mais válidas?

De válido há o artista e seu caminho. A cada um deve ser conferido o direito de buscar, de investigar e de encontrar, dentro da técnica ou da tendência mais indicada para êle, num determinado momento de seu processo evolutivo, a solução mais adequada.

Globe 20-X-66 p. 17